

Nélson Pimenta
Ator e monitor das aulas de
teatro do INES

*“Entendo o valor da oralização,
mas é imprescindível que
esta nunca substitua a
Língua de Sinais”*

Você sempre estudou no INES?

R: Não, comecei a estudar em Brasília, onde morava.

Em Brasília você estudou em escola especial?

R: Não. Era uma escola com salas especiais, para surdos e ouvintes. Os surdos estudavam em salas separadas.

Como você se sentia nesta escola?

R: Era bom, mas os surdos formavam grupinhos, isolados dos ouvintes. Não havia integração.

Por que?

R: Isso foi há muito tempo, não me lembro direito. Mas sei que havia a falta de interesse recíproco entre surdos e ouvintes em se integrarem. As turmas especiais eram para pessoas com deficiências físicas e eu me sentia doente por ser surdo. Estas turmas eram separadas por tipo de deficiência dos alunos e os surdos se isolavam. Estudei lá dos 5 aos 11 anos de idade.

E depois?

R: Mudamos para Cubatão, São Paulo, e estudei numa escola que também tinha salas para surdos. Lá, faziam um trabalho de oralização dos surdos, impunham aparelhos auditivos e eu não gostava. Os alunos tentavam falar e muitos conseguiam, pois ouviam um pouco. Eu tentei, mas me lembro de uma menina que me olhava com uma expressão de estra-

nhamento e isso me envergonhava, sentia como se minha voz fosse muito feia. Ficava triste e chorava, até que desisti de falar.

E hoje, por que você não fala?

R: Optei pela mudez porque as pessoas têm preconceito contra a Língua de Sinais. Fechei a boca para lutar por ela, pois sem o preconceito eu poderia falar como qualquer um. Mas sei que se eu falar, as pessoas vão querer mais e mais e vão esquecer a importância da Língua de Sinais para o surdo e impor a oralização. Tenho preocupação para com a Língua de Sinais. Entendo o valor da oralização, mas é imprescindível que esta nunca substitua a Língua de Sinais.

Como é a sua comunicação com a família?

R: Tenho uma irmã surda, mais velha que eu, e minha avó também era surda. Talvez por isso a família tenha uma comunicação própria dentro de casa, como por exemplo o sinal de galinha, que fazemos com o dedo indicador cortando o pescoço. E há algumas coincidências, como o sinal para “burro”, que fazemos com os dedos indicadores balançando no alto da cabeça. O restante da família, tios, primos etc, quando viam nossa comunicação, recriminavam minha mãe dizendo que aquilo estava errado, que atrapa-



lharia nosso desenvolvimento e que, no futuro, nós seríamos, no máximo, eu um engraxate e minha irmã lavadeira. Quando isto acontecia, minha mãe respondia que não estava preocupada com o futuro, que o importante era sua comunicação conosco, que nos entendêssemos.

Como era seu relacionamento com o resto da família, vizinhos e amigos?

R: Em Cubatão eu gostava de conversar, brincar com os vizinhos e amigos. Só faltava namorar uma pessoa ouvinte.

Do que você gostava?

R: Gosto muito de teatro e cinema.

E quando pequeno?

R: Gostava muito de ver televisão, desenho animado, filme; amava assistir o Nacional Kid, A Feiticeira, a Jennie. Eu não en-

tendia os diálogos, mas não ficava triste ou preocupado, pois não sabia que havia o diálogo como tal. Para mim, a comunicação entre os personagens era através de suas ações e não pelo som que emitiam pela boca, porque não sabia que isso existia. Todos esses seriados eram de muita ação e eu tinha uma compreensão global da história, ficava nervoso e excitado, assim como minha irmã, com as lutas e confusões e ficávamos muito tristes quando o filme acabava.

Fale-nos um pouco mais de sua família.

R: Somos 3 irmãos. Todos muito importantes pra mim, especialmente minha mãe.

Há algo em especial em sua vida, relacionado com sua mãe, que te marcou?

R: Sim. Duas coisas muito importantes aconteceram e me marcaram para o resto da vida. A primeira, aconteceu aos 6 anos de idade, quando minha mãe me mandou comprar uma mamadeira para meu irmão, na época um bebê. Ela não se preocupou com o fato de eu ser surdo. Foi a primeira vez que eu comprei alguma coisa sozinho. Na loja, fiquei olhando, procurando nas prateleiras a mamadeira para apontar, mas não havia nenhuma à mostra. O lojista me pediu para escrever o que queria mas, aos seis anos, eu ainda não sabia escrever. Então desenhei a mamadeira no papel, o homem entendeu e eu voltei feliz da vida para casa. Minha mãe não se espantou com o fato de eu ter conseguido e reagiu como se eu tivesse feito algo natural, como qualquer outra pessoa: simplesmente pegou a ma-

madeira e a usou. Uma outra experiência muito importante foi numa época em que eu precisava tomar uma vacina. Mamãe me mandou ao posto de saúde sozinho, aos 7 anos de idade. Tinha uma fila demorada, foi chato, mas quando chegou minha vez mostrei a receita ao médico e ele me vacinou. Estes dois episódios, o primeiro aos 6 e o segundo aos 7 anos de idade, foram muito importantes para mim. Minha mãe nunca me tratou como alguém diferente e me soltava no mundo, sem a preocupação de me proteger por ser surdo.

Como foi a tua vivência no INES?

R: Em Cubatão me sentia diferente e tinha vontade de voltar para Brasília, mas minha mãe não poderia. Um amigo da família avisou que no Rio havia muitos surdos. Meu pai não queria vir, mas minha mãe dizia que queria o melhor para os filhos. Ela sempre nos apoiou. Eles brigaram muito por causa disso, meu pai dizia que o Rio era violento e ela dizia que o mundo inteiro era violento; acabamos vindo para cá. Logo depois eles se separaram. Quando vim para o INES, inicialmente me assustei com tantas pessoas como eu, mas logo me encantei com o fato de existir tanta gente usando a Língua de Sinais. Em Cubatão havia poucos surdos e muito poucas pessoas usavam a Língua de Sinais. Aqui encontrei profissionais diferentes, pessoas diferentes, educação física, pouca oralização.

A Língua de Sinais era proibida no INES?

R: Não. Pelo menos a partir de 1975, quando cheguei.

Você, hoje, exerce uma liderança entre os surdos. Como isso começou?

R: Quando estudava aqui, tinha uma professora que não sabia Língua de Sinais. Eu não entendia nada e, por isso, não prestava atenção às aulas. Os alunos também não entendiam as aulas, mas

se calavam. Eu reclamava de tudo. Um dia ela gritou comigo, me mandou prestar atenção à aula e então brigamos muito, até que fui expulso de sala. Na coordenação, eu chorei, a professora estava com muita raiva. Eu não a respeitava porque achava que tinha meus motivos: ficava nervoso porque não entendia a aula. Os outros alunos eram passivos, eu era rebelde. Hoje essa professora sabe Língua de Sinais e nós nos damos bem, gosto muito dela. Mas acho que a liderança vem desde esse tempo, pois eu sempre causava confusão e, com isso, mostrava aos surdos que tinham que lutar por seus direitos.

Você já brigou com um bo-cado de gente aqui, não?

R: É mesmo! Já briguei com tanta gente no INES... Curioso.

Como você vê, hoje, no mundo, a vida dos surdos?

R: No Brasil é muito mais difícil que em outros lugares. Enquanto eu era criança, tudo era fácil. Depois fui crescendo, as dificuldades foram aparecendo, mas acho que as coisas começaram a mudar depois que fiz teatro. E teve também o primeiro encontro de bilingüismo de que participei, onde eu vi que se no resto do mundo a vida do surdo é mais fácil, aqui no Brasil também pode melhorar.

Qual a importância do teatro para o surdo?

R: É enorme, porque é a expressão do corpo todo. Mexe com nossa emoção, pois a vivência do surdo é muito visual.

Diga alguma coisa como mensagem para as pessoas.

R: Eu queria que todos se respeitassem. Não se deveria obrigar a Língua de Sinais Brasileira nem a oralização. Não se deve podar o crescimento de uma flor, deve-se olhar seu crescimento sem o julgamento de que está certa ou errada. Apenas há que se regar essa flor e esperar seu crescimento natural. Assim dá para ser feliz.